

ANTRO
PO
LOGIA
Portuguesa

Vol. 6 · 1988

Instituto de Antropologia — Universidade de Coimbra

As Epidemias na História do Homem

J. C. SOURNIA e J. RUFFIÉ

(Edições 70, col. Perspectivas do Homem)

Partindo do conceito de espécie desenvolvido por Vandel como sendo «um estado de equilíbrio entre as aptidões fisiológicas e os constrangimentos ambientais» (p. 27), os autores introduzem a questão da doença no contexto mais adequado: o homem no seu nicho ecológico, necessariamente instável, e sobrevivendo nele à sua maneira, isto é, agindo culturalmente.

A biologia e a história estão lá mas uma e outra estão centradas no homem e no seu processo específico de adaptação. Daí que os autores considerem, e com razão, que esta pesquisa se situa na linha da antropologia médica.

Como espécie o homem está sujeito a um processo permanente de evolução e adaptação. As doenças bem como os costumes, as crenças e as organizações sociais em cujo contexto as primeiras se manifestam, formam um todo coerente numa população concreta. É ao nível desse todo real e vivo — a população — que se pode entender o processo de adaptação e evolução do homem tanto no que ele tem de comum com outras espécies como no que tem de específico e único. Com efeito a adaptação técnica (cultural) decorrente de uma especialização no psiquismo inviabilizou outras formas de especialização orgânica que eventualmente seriam também o ponto de partida para uma radiação adaptativa como noutros animais que nos são familiares. Tal como o antepassado da raposa deu diferentes animais para as regiões polares (*Alopex lagopus*: a raposa polar), para as regiões desérticas (*Fennecus zerda*: o feneco) e para as regiões temperadas (*Vulpes vulpes*: a raposa comum), o mesmo seria de esperar da nossa espécie. Contudo o que a realidade mostra é que os habitantes humanos dessas referidas regiões, a saber, Esquimós, Tuaregs e Europeus, são não só do mesmo género como também da mesma espécie, entendendo-se as variações da pigmentação da pele, da cor e forma do cabelo e outras, como indicadores de simples variação geográfica. Este ponto de divergência no processo evolutivo é explicitado na exposição dos autores bem como a facilidade com que uma espécie de origem tropical, como a nossa, ocupa progressivamente todos os meios tornando-se

a mais ubiquista das espécies. O instrumento desta ocupação progressiva de todos os meios é, sem dúvida, essa forma única de adaptação que se chama cultura e que se exprime em diferentes civilizações. Doença e civilização passam assim a fio condutor da exposição subsequente e os resultados desta metodologia são evidentes. Neste desenvolvimento se situa «o choque biológico da conquista» levado a cabo no Novo Mundo e as formas múltiplas de genocídio (ainda que não premeditado) daí decorrentes e que se arrastam até aos nossos dias, em que os ameríndios que restam são arrumados em «reservas» cada vez mais escassas e sem horizonte.

Segue-se o desfile algo patético do apocalipse das pestes (cap. V) com destaque para a terrível peste negra, a grande epidemia da alta Idade Média; as febres intestinais (cap. VI) com destaque para a cólera, as febres tifóides, as desenterias e o tifo; a lepra e a tuberculose (cap. VII).

Considerações complementares sobre «doenças mortas» e «doenças futuras» (cap. IX) bem como a necessidade de voltarmos às considerações de Hipócrates no seu «Tratado dos Ares, das Águas e dos Lugares» (cap. X), uma história da vida do homem em que o seu meio é mais que nunca frágil perante as crescentes ameaças, completam o belo livro de Sournia e Ruffié.

M. L. Rodrigues de Areia